

CARLA RAMALHO

E FICOU A TERRA

coolbooks

E ficou a terra

Carla Ramalho

Publicado por:

Coolbooks

www.coolbooks.pt

© 2017, Carla Ramalho e Porto Editora

Design da capa: NOR267

Imagens da frente da capa: © Shutterstock.com

1.ª edição: maio de 2017

Coolbooks é uma marca registada da

Porto Editora

Email: info@coolbooks.pt

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Distribuição **Porto Editora**

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 425698/17
ISBN 978-989-766-096-2

**Este livro respeita
as regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.**



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

À avó Jeca, pela magia das noites de Natal
Ao avô Jacinto, pelas favas fresquinhas
que me ajudava a colher
À avó Vitória, pelo colo pleno e absoluto
Ao avô António, pelos caldos de farinha torrada

*Ao meu Alentejo,
por este não sei quê de pertença eterna*

Capítulo I

Eu sabia que devia ter parado no quinto gin tônico.

Havia algo de errado nas pedras de gelo. Na forma como a água se vinha em mistura com o ardor do álcool. Mas não liguei ao ardil montado. Deixei-me ficar muito quieto na ponta daquele balcão. O mesmo onde a vi pela primeira vez: vai para três semanas, quatro dias e seis horas. A meu lado o velho Justino. O mesmo que insiste em chamar-lhe “cabra” com a delicadeza de um poeta enamorado. E eu revejo-me nas suas palavras. Tudo nela é de uma cabrice extrema que inebria sentidos. Que desencoraja qualquer ação bem-intencionada. Se bem que eu nunca a tive. Sempre a olhei com segundas ideias, sempre a desejei como o pior dos pecadores: desrespeitosamente. E não há dúvida de que ela soube manter a coerência. Subir a fasquia. Assim, quando hoje entrou no bar, se fez notar, e caminhou até mim, decidi que estava na hora de aumentar a minha contabilidade. Não dos dias em que sei da sua existência, mas das noites em que a comprovo. E ainda

o Justino acabava de declamar a palavra “cabra” e já nós entrávamos na 4L; já o nu ganhava a noite; e o seu corpo uma declaração:

– Ainda bem que a vida são só dois dias, pois não conseguiria estar mais tempo afastado de ti.

A sua perna sobre o meu sexo foi a resposta que esperava. Faltava apenas saber por que nome lhe chamar.

– Verónica.

– Verónica?! ... Prazer.

Eu sabia que devia ter parado no quinto gin tónico. Havia algo de errado naquela névoa que se adensava; no silêncio da vila, desconhecedora de tão recôndito local. Mas não liguei. E aqui estou eu nesta napa preta, olhando o seu corpo branco nu, que novamente me procura. Nem sei como já tenho ânimo para de novo o receber, mas não contrario a natureza. Deixo-a levantar para novo voo. Apenas cerro os lábios, levemente, proibindo-os de clamar aquilo que todo o meu corpo sente...

Capítulo II

– Nunca tinha beijado uma mulher sem ao menos lhe saber o nome.

– Nunca me tinha vindo ao mesmo tempo que um homem.

Foram estas as nossas primeiras palavras. Frases trocadas no calor do momento, quando ele ainda descansava sobre o meu corpo e eu lhe afagava as costas, num pedido de réplica pelo que me tinha acabado de fazer. Sabemos que algo é especial quando mesmo em silêncio deixamos o outro sem palavras. E nenhum de nós se fez rogado a esta demonstração de fraqueza. Como se a partir daquele momento, em que entramos na 4L, fódemos como dois desconhecidos, estívéssemos dispostos a abdicar de parte de nós. Como o comum dos mortais, afinal, fará. As pessoas estão sempre dispostas a realizar-se nas outras. A esconder-se. Sempre me custou perceber certas instituições, motivações individuais que fazem a vida ser o que é. Mas ao senti-lo dentro de mim, ao querer arranjar

forma de também eu nele entrar, fui cuidando que há momentos em que vale a pena correr riscos. Deixar a porta aberta...

Assim, quando se sentou a meu lado, olhos fechados, cabelo desgrenhado, como que querendo ceder ao cansaço, percebi que o que tinha acontecido nos faria entrar num outro plano. O mundo lá fora tinha, definitivamente, parado. Nem sei até se a vila não desaparecera para parte incerta. E tudo o que restava estava ali, naquele carro, com aquele desconhecido.

Limpei o vidro embaciado e vislumbrei o arvoredo. A napa preta parecia decidida a vencer, numa luta meticulosa pela posse da minha pele. Levantei-me num rasgo de linhas, procurando a aragem noturna. Abri a janela, peguei no vestido, deixei que o cetim corresse pelas minhas costas nuas e largas. Mas acabei por desistir a meio caminho. O arrepio da sua mão chamou. A ousadia de querer saber o meu nome. Para de novo o vestido se perder aos nossos pés.... Mostrei-lhe então que uns lábios vestidos de batom escarlate, uma língua, podem fazer maravilhas na hora de perpetuar um prazer...